

A MEMÓRIA É UM LUGAR EM QUE O TEMPO SE DERRAMA: UMA ANÁLISE DE *LEITE DERRAMADO* DE CHICO BUARQUE

Valéria Silveira Brisolara (UNIRITTER) ¹

RESUMO:

O presente artigo oferece uma análise da obra *Leite Derramado* (2009) de Chico Buarque à luz da concepção de memória topográfica de Márcio Seligmann-Silva e do conceito de vestígio. Pretende-se analisar como a narrativa retoma o passado através da linguagem e da memória e como exemplifica a noção de vestígio através do leite que derrama. O interesse deste artigo é pensar no leite que derrama como uma metáfora para a memória e relacionar a construção dessa narrativa literária a princípios da teoria psicanalítica.

Palavras-chave: Memória. Narrativa. Vestígio. Psicanálise.

ABSTRACT:

This article offers an analysis of the novel *Leite Derramado* (2009) by Chico Buarque in the light of the concept of topographic memory developed by Márcio Seligmann-Silva and the concept of trace. It intends to analyze how the narrative recovers the past through language and memory and how it exemplifies the notion of trace through the metaphor of spilt milk. The interest of this article is to think of the spilt milk as a metaphor for memory and relate the construction of this literary text to some principles of psychoanalysis.

Keywords: Memory, Narrative, Trace. Psychoanalysis.

O tempo é a maior distância entre dois lugares.

Tennessee Williams

1. Introdução

O leite aquece lentamente, mas derrama em um segundo. Nós nos viramos para o lado e, quando vemos, já derramou. E tudo que temos que fazer é limpar os restos que transbordaram. Vestígios de nossa desatenção. Assim é o presente. Passa lentamente e, de repente, nos deparamos com memórias de um passado enorme que transborda, deixando suas marcas pelo nosso corpo. O futuro parece insuficiente, como o resto de leite no fundo da caneca.

¹ Professora do Mestrado e do Doutorado em Letras na UniRitter. Doutora em Letras (UFRGS, 2003).

O leite que derrama é apenas uma das muitas metáforas usadas por Chico Buarque em *Leite Derramado* para falar da memória e da relação problemática entre sujeito e passado, mediada pela linguagem e pela memória. O leite derramado surge como um vestígio, um traço, que nunca pode ser apagado, pois já está inscrito.

Leite Derramado foi publicado em 2009 e recebeu o prêmio de Livro do Ano. Apresenta a luta travada entre um ancião e sua memória ao tentar recuperar seu passado e dar sentido a sua vida. Limpar, juntar, organizar, o que se espalhou e se derramou, ele não sabe nem como e nem quando. Sente que em um segundo perdeu o controle de sua história e tenta recuperá-lo através de um esforço em reorganizar suas lembranças dispersas. Mas sua tarefa não é nada fácil, pois a memória é um lugar. É um recinto que todos nós visitamos ou habitamos, para onde nos refugiamos na solidão, para onde nos vamos na velhice. Mas sua entrada nos é nada pelas portas da linguagem, que ora se abrem, ora se fecham. A memória é um espaço com uma topografia própria, com aclives e declives, acidentes de percurso transformados em acidentes mais do que geográficos.

Nessa perspectiva, o interesse deste artigo é pensar no leite que derrama como uma metáfora para a memória que derrama, transborda. O artigo oferece uma análise da obra *Leite Derramado*, enfatizado aspectos relacionados às relações entre memória e linguagem e tomando por base conceitos como o de memória topográfica de Marcio Seligmann-Silva e o de vestígio (*trace*), que aparece nas obras de Jacques Derrida, Paul Ricoeur e Sigmund Freud.

2. A MEMÓRIA COMO UMA TOPOGRAFIA

A concepção de memória como espaço, como lugar, aparece claramente nesta obra de Chico Buarque. Logo em uma das primeiras páginas do romance, o narrador e protagonista, um ancião beirando os cem anos de idade, ao tentar lembrar-se de seu passado, e ver sua memória falhar em lhe levar ao passado, expressa sua visão de passado:

Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas de faculdade que eu já tinha esquecido, com seus respectivos salões cheios de parentes e contraparentes e penetras com suas amantes, mais as reminiscências dessa gente toda até o tempo de Napoleão. (2009, p. 14).

Assim, compara seu vasto passado, de quase cem anos, a um enorme salão de baile, repleto de figuras, e seu futuro, que sabe ser breve, a um estreito corredor. Esse acesso ao passado é mediado pela memória e pela linguagem e essa visão do tempo que expressa pode ser relacionada à concepção de memória que Márcio Seligmann-Silva defende ao falar da literatura de testemunho. Embora *Leite Derramado* não seja uma obra considerada como literatura testemunhal, pois a literatura de testemunho é uma literatura de memória que busca “fazer do leitor uma testemunha” (NESTROVSKI; SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 09) de um evento catastrófico, compartilha com a literatura de testemunho o tom testemunhal e a relação problemática do narrador com o passado, pois “A narrativa do testemunho permite que o sobrevivente estabeleça uma ponte com o “tu” ilhado que existe dentro dele” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 71). Em outras palavras, a literatura de testemunho é uma literatura de memória, que se situa no limite entre a memória individual e memória coletiva, lidando com as

questões entre memória e narrativa e problematizando a figura do narrador. Esse narrador tem uma relação problemática com a memória, ou uma dificuldade em lidar com o passado por ser um passado traumático, envolvendo, por exemplo, instâncias de exílio ou clandestinidade, frequentemente relacionadas a guerras, a campos de concentração e, no caso da América Latina, aos regimes militares. Assim, as obras consideradas literatura de testemunho, situam-se no limite entre a ficção e a história. Essa relação entre narrador e memória levou Seligmann-silva a pensar a memória como um lugar. Para o autor, a memória não é linear, mas topográfica. É um local de construção de uma cartografia ao se narrar o passado e tentar recuperar a memória. Seligmann-Silva afirma: “Toda história é o fruto de um entrecruzar de um determinado presente com o passado” (2005, p. 80). Neste sentido, corrobora Orlandi ao afirmar que “todo discurso, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos”. (2000, p. 33). Seligmann-Silva ainda explica:

A concepção linear do tempo é substituída por uma concepção topográfica: a memória é concebida como um local de construção de uma cartografia, sendo que nesse modelo diversos pontos no mapa mnemônico entrecruzam-se, como em um campo arqueológico ou em um hipertexto. (2005, p. 79).

Essa concepção é influenciada pela teoria psicanalítica, pois o inconsciente “não possui critérios de localização espaço-temporal, nem é acessível à função do tempo e, por isso mesmo, desconhece a contradição” (FERNANDES, 1988, p. 14). Em muitos de seus textos, Freud remete a essa questão e ao caráter associativo da memória, principalmente quando se refere às memórias encobridoras (1990, p. 43) e aos atos falhos (1990, p. 06). Fica claro que o acesso ao passado, como o acesso ao inconsciente, é mediado pela linguagem e pela memória. O narrador, no momento em que narra, associa as imagens que vêm a sua mente com outras, como em um hipertexto. Acontecimentos se misturam e se desmisturam. O princípio da associação livre, que, como Freud nos mostrou, não é nada livre, rege seu pensamento. O critério temporal é substituído pelo associativo, uma vez que o inconsciente tem o seu próprio tempo e o fluxo de consciência rege a narrativa do sujeito. A psicanálise baseia-se na crença de que o sintoma pode ser resolvido no plano discursivo, através da enunciação, ou seja, baseia-se no princípio de que ao construir uma narrativa, o narrador pode organizar a sua própria história. Da mesma forma que se pede ao analisando que fale e associe o que aparentemente não tem associação, e assim, uma narrativa emerge, no momento em que o sujeito narrador assume o Eu enunciativo em *Leite Derramado*, a narrativa vai se construindo e se costurando. O narrador tenta lembrar-se de acontecimentos aparentemente esquecidos, e ao organizar a sua história de vida, uma narrativa emerge. Esse esforço pode ser relacionado à afirmação de Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar, escrever, esquecer*, de que: “Num sentido ao mesmo tempo paradoxal e trivial, gostaria de dizer que os homens não são animais tão específicos porque possuem uma memória: mas somente porque se esforçam em não esquecer” (GAGNEBIN, 2006, p.192). E é essa tentativa, essa luta em não esquecer, que motiva o narrador de *Leite Derramado* a dirigir-se a um outro e narrar.

Ainda, segundo Seligmann-Silva, “A literatura do testemunho apresenta um modo totalmente diverso de se relacionar com o passado” (2005, p. 79). Na sua visão, a tese central da literatura do testemunho é a de que é necessário que partamos de um determinado presente para a elaboração do testemunho (2005, p. 79). Essa tese baseia-se em uma construção topográfica do tempo como se a memória fosse um local para construção de uma narrativa de testemunho, uma construção do passado a partir do presente (2005, p. 79). Essa concepção topográfica do tempo supõe que a memória é um local. Essa concepção de memória, e da maneira do narrador se relacionar com o seu passado, pode ser estendida para toda literatura e para toda narração. A narrativa, neste romance, é elaboração do passado, via memória. Em relação a isso, Stübe afirma

que: “Ao (re)contar, o enunciador (re)cria sua história e sua memória, (re)cria outros sentidos para si e para a língua” (2011, p. 38) e ainda que:

a memória é alinear, atemporal, não cronológica e totalmente associativa, isto é, realizada por associações múltiplas e simultâneas, de cunho inconsciente, através de traços constantemente (re)configurados. Há, então, uma ligação estreita entre memória e esquecimento. (2011, p. 38)

Referindo-se a W.G. Sebald, Seligmann-Silva retoma essa noção e afirma:

O autor sabe, melhor que ninguém, que a memória funciona de modo eminentemente topográfico: a memória se decanta nos locais em que vivemos e que se inscreveram em nossa mente, assim como deixamos as marcas do nosso corpo em uma velha poltrona. (2005, p. 120).

As marcas de nosso corpo na poltrona, ou porque não pensar nas marcas da poltrona em nosso corpo, podem ser relacionadas ao conceito de traço, rastro ou vestígio de Jacques Derrida, que é considerado central na sua obra e aparece em *Gramatologia* (1975) e *Escritura e Diferença* (1995). Derrida usa esse conceito para descrever os restos de todos os significados ou marcas textuais não presentes, mas que são identificáveis apenas pela ausência de outras características, ou seja, que mesmo aparentemente ausentes mostram a sua inscrição. Nas palavras de Derrida, o vestígio seria uma marca de uma ausência de uma presença ou uma presença que é sempre ausente (1995). Da mesma maneira, para Seligmann-silva, “a linguagem é, antes de mais nada, o traço—o substituto e nunca perfeito e satisfatório—de uma falta, de uma ausência” (2003, p. 48). De maneira similar, Paul Ricoeur afirma que a memória é uma “ausência de uma presença ou a “presença de uma coisa ausente, marcada pelo selo da anterioridade” (2007, p. 38) Todos esses conceitos de traço ou vestígio remetem à obra de Freud, pois o traço para Freud é o resto, é a pegada, é a marca que denota uma ausência, ou seja, a parte ausente que se refere à presença de um signo. Cada momento presente tem traços de um passado, que embora ausente, ainda se faz presente através desses traços de ausência. Essa concepção une passado, presente e futuro, pois os coloca unidos no discurso do sujeito.

Assim, o presente do narrador leva-o ao seu passado, um dia já presente, e o filtra através da memória. Entretanto, os limites entre memória e ficção, como bem sabemos, são tênues. A memória é sempre uma ficção, pois as lembranças são mediadas pela linguagem. Com relação a esse aspecto, Schneider afirma: “A própria memória é uma forma de imaginação, uma ficção que reescreve os vestígios deixados, enquanto a imaginação, por mais criativa que seja, procede da lembrança daquilo que não produziu”. (1990, p. 19) Da mesma forma, para Michel de Certeau, “O passado é também uma ficção do presente.” (1992).

Para Seligmann-Silva, a memória, assim como a língua, com seus atos falhos e silêncios, não existe sem a resistência (2003, p. 52). É nessa tensão, entre memória e esquecimento, que a narrativa se constrói: “A memória só existe ao lado do esquecimento: pois um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 53). Ainda, a esse respeito, ao analisar a obra de Beckett, Tiburi constata que “o narrador de Beckett não tem memória”, pois

a narrativa aparece como uma procura inconsciente pelos cacos da subjetividade, pois o sujeito não sabe a si mesmo quando se sabe, todavia, como algo perdido, a partir do que lhe falta, ou mais precisamente, esboça-se como uma falta. A linguagem aparece como uma tentativa de encontro da

subjetividade perdida. O perdido vai se inscrevendo no dito e instaurando-se ao lado do não dito, do não dizível, expressão da coisa muda. (2006, p. 268-269)

Assim, é impossível de se resgatar plenamente o passado, pois este é da ordem do real. Podemos visitá-lo e não mais do que ver suas fissuras, lacunas, borrões, rasuras, esquecimentos, apagamentos, encobrimentos, pois é uma construção discursiva que, por ser da ordem do discurso, caracteriza-se pela invenção, ficção. Transformar o esquecido em narração e preencher as lacunas da memória é ficcionalizar, como Chico Buarque nos sugere.

3. A MEMÓRIA EM *LEITE DERRAMADO*

O romance é dividido em 23 pequenos capítulos, narrados em primeira pessoa. Passado e presente confundem-se, misturam-se, na narrativa do protagonista, que se move por entre as salas e antessalas de sua memória, umas mais espaçosas, outras mais apertadas, tentando recolher marcas, pistas, vestígios, que o ajudem a fazer com que tudo tenha sentido e a responder as perguntas que percorrem toda a narrativa: Como acabou sozinho e idoso em um leito de hospital público? O que teria acontecido com sua esposa Matilde? Teria ela morrido no acidente de carro? Teria ela o abandonado por estar doente ou por estar grávida? Teria o traído? O que escapa à memória do narrador? O que a sua narrativa nos esconde? O que escapa ao interlocutor, diríamos, leitor, da narrativa de Eulálio Assumpção?

Às vezes, parece falar com uma enfermeira; às vezes, com sua filha; e, às vezes, consigo mesmo. Ao falar com um suposto ouvinte, ou leitor, simula o princípio básico da psicanálise. Inerte, em uma cama de hospital, tenta organizar, dar sentido a sua história, como em uma sessão de psicanálise. Associa elementos de sua precária condição de vida atual a incidentes do seu passado mais ou menos distante. Tenta entender como chegou de um passado de tantas glórias a uma cama de hospital público. Figuras do seu passado e presente misturam-se e o confundem. Assim, a narrativa é construída em cima das associações do protagonista. Não há ordem cronológica, apenas o tempo da memória do narrador. Ao tentar dar sentido às suas memórias, justifica sua empreitada:

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode ninguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor da minha memória na ordem dela, cronológica, ou alfabética, ou por assunto. (2009, p. 41)

Da mesma forma, afirma forçar a memória até “topar na porta de um pensamento oco” (2009, p.8). Deixa claro que os pensamentos, as memórias, são lugares, cômodos, com portas de entrada. Fica bem evidente que é um grande esforço para Eulálio “fuçar” em sua memória e também que ela lhe parece um local, um espaço, como um baú. Ele afirma: “Porque dá preguiça vasculhar a memória o tempo inteiro”. (2009, p. 41-42) Mais adiante, faz referência a esse esforço como “espremer minhas memórias até o bagaço” (2009, p. 185).

Essa noção de memória como espaço é extremamente relevante se pensarmos na maneira em que a narrativa de Chico Buarque é construída. Da mesma forma que em obras anteriores, os locais são de extrema importância na sua narrativa. A cidade do Rio de Janeiro serve de fundo à história do narrador que se confunde com a história da própria cidade, na medida em que narra a derrocada de sua família através da sua mudança de moradia. Da fazenda, da mansão de

Botafogo, e dos amplos aposentos de cada uma delas, repletos de incidentes e personagens, ao apartamento de periferia, à casa de subúrbio, e, finalmente, ao leito de hospital público.

Nascido em uma próspera e tradicional família carioca de Botafogo, a vida de Eulálio Assumpção parece mudar de rumo após o brutal assassinato de seu pai. Seu nome é repetido na filha, no neto e no bisneto. Como em *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Marques, que bem poderia ser o nome da obra, há uma aparente queda ao longo da linhagem dos Assumpção, incluindo empobrecimento e até casamento entre primos. Sua filha Maria Eulália havia nascido de sete meses em uma clara insinuação ao fato de que talvez a filha não fosse sua. Isso levaria a uma genealogia, que repete seu nome, mas que na verdade pode não ser sua. Sua esposa Matilde teria desaparecido quando a filha era ainda bebê, deixando-o perdido. Anos mais tarde, teria sido roubado e abandonado pelo genro. Seu neto morreria ainda jovem.

Quando relembra acontecimentos relacionados ao falecimento de seu pai, percebe que seu pai havia sido assassinado por causa de uma mulher e não de política, como sempre havia imaginado. Ao retomar os acontecimentos intui que um caso amoroso havia levado ao assassinato, ou seja, paixão, assim como sua ruína é atribuída à paixão por Matilde.

Ao leitor, são dadas várias pistas sobre Matilde. Ao lembrar-se de histórias que ouvia, as conta a seus supostos interlocutores. Pontua que não fazem sentido, mas o leitor atento, as entende. Os seus traços eram diferentes, pois era a mais morena de todas as claras irmãs de sua família. Seu nome era também diferente dos demais. Não aparecia nas fotos de família e a sua mãe havia mencionado mais de uma vez que ela não era sua filha, mas adotada. O narrador parece demorar em dar-se conta desses detalhes que não escapam ao leitor. Cada vez que o narrador fala de Matilde, ele conta uma história diferente para justificar seu desaparecimento. As diversas versões da história misturam-se e os acontecimentos não são totalmente revelados. Cabe ao leitor usar a sua memória e tentar reconstruir, de maneira semelhante ao narrador, os acontecimentos narrados pelo protagonista e mediados por sua memória de ancião. Cabe a nós, leitores, juntar os cacos, os fragmentos. Parece que somente ao recontar sua história, ao enunciar, os fatos se encaixam, e fazem sentido.

O narrador faz mais do que olhar ou lembrar-se do seu passado. Ele visita-o. Entra em suas salas e aposentos. Sente seu cheiro e suas sensações, e fica indo e voltando por seus vestíbulos. Lembra e visita sua feliz infância. Recorda-se do casarão e da fazenda de seu passado e de lugares que são significativos dos momentos de sua vida. Tempo e espaço se confundem na sua memória. O passado, e a sua memória, é o refúgio do narrador. É onde o passado e seus acontecimentos podem ser melhores do que são ou foram na sua vida.

Fica claro, que para ele, o passado não passou. O protagonista propõe-se a contar a sua história e pede a uma enfermeira que tome notas. Sua tentativa de voltar ao passado e colocá-lo no papel é se propor a voltar ao passado e a narrativa é uma maneira de reconstruir o presente, fazer uma intervenção no presente de alguma forma, pois o presente não é somente o após o passado, mas sim o resultado desse passado que nunca passa. A esse respeito, Seligmann-Silva afirma, “Apenas para a historiografia vale o particípio “passado”; para a memória, o passado é ativo e justamente não passa”. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 16). O autor está fazendo mais uma vez referência à chamada literatura de testemunho, em que narradores propõem-se a narrar traumas em uma tentativa de compartilhar e, de certa maneira, dar conta do que escapa à linguagem. Ainda, Seligmann-silva lembra-nos que o gesto central da tragédia é o reconhecimento, ou seja, a passagem da ignorância, ou o que psicanálise chamaria de inconsciência, ao reconhecimento, ou consciência. (2005, p. 95).

Um dos conceitos-chave da psicanálise é o conceito de trauma. Nas palavras de Seligmann-Silva, “o trauma é justamente uma ferida na memória” ou um “fenômeno transbordante”, ou seja, que vai além dos nossos limites. (2000, p. 84) O narrador de *Leite*

Derramado afirma: “E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida” (2009, p. 10). Os eventos traumáticos de seu passado, como a morte do pai e o desaparecimento de Matilde ainda doem. Decide: “E vou deixar de falação porque a dor só faz piorar” (2009, p. 12). Falar a um outro dá status de verdade à história do sujeito. Para Freud, após falar, “a imagem desaparece como um fantasma liberto que encontra finalmente seu repouso” (FREUD, apud SOUZA, 1996, p. 282) Para Freud, o traço é uma “cicatriz em movimento” (SOUZA, 1996, p. 281).

Narrar, enunciar, o passado e, assim, recuperar a memória é uma maneira de passar de ator ou personagem de sua própria história a autor, e, de certa maneira, mudar os fatos, pois a memória se constrói na forma de uma narrativa. É uma construção sobre o passado. Não interessa o que realmente aconteceu, mas o que o sujeito lembra-se dos acontecimentos e dos efeitos desses acontecimentos no sujeito. O narrador tem consciência disso, pois questiona a sua própria narrativa e o status de verdade da memória em vários momentos. Afirma: “neste momento a memória me pega uma peça” (2009, p. 86) e, logo mais adiante, ao narrar um incidente, e ao dar-se conta do que os acontecimentos podiam significar, refere que a lembrança soava “como um alarme na memória” (2009, p. 87). Mais adiante ainda pontua: “Com a idade a gente dá para repetir velhas lembranças, e as que menos gostamos de revolver são as que persistem na mente com maior nitidez.” (2009, p. 163) e ainda refere-se a um “um baú repleto de reminiscências inéditas” (2009, p. 185). Entretanto, sabe que precisa narrar, reconstruir, pois ao dirigir-se a seu interlocutor, percebe: “Sem você, me enterrariam como indigente, meu passado se apagaria” (2009, p. 119)

Essa é bem a situação do discurso do analisado que ao contar e recontar sua história presta atenção nos detalhes, nos traços que se repetem e, de repente, vê novos significados nos incidentes e palavras ao narrá-los. Fica claro que a linguagem mais do que representa a realidade, a cria. Ao associar incidentes, lembra-se do seu passado e na cama de hospital pede goiabada, que era o que lhe davam de sobremesa quando criança e, da mesma maneira, ao virar a comida no hospital, lembra-se de virar a comida quando criança. Vai associando e movendo-se entre passado e presente, em um vai e volta em que tenta costurar os fios sua história.

Mas sua entrada no passado nos é nada pelas portas da linguagem, que ora se abrem, ora se fecham. Por isso, às vezes, nos lembramos do que não fizemos. Mas será que importa? Nossa memória é seletiva, mas também é encobridora. Nós nos lembramos do que não aconteceu, mas que mesmo assim, acontece como memória e deixa suas marcas em nossa subjetividade e corpo., e nunca passa. Reconhece: “É esquisito ter lembranças de coisas que ainda não aconteceram, acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre”. (2009, p. 17). Mais adiante afirma: “Dia desses fui buscar meus pais no parque de brinquedos, porque no sonho eles eram meus filhos” (2009, p. 15) e ainda: “Sumiu minha mãe que estava aqui agora mesmo” (2009, p. 130). A memória, então, tem sem próprio tempo, pois é um lugar.

Considerações finais

O ditado “Não adianta chorar sobre o leite derramado” é conhecido de todos os brasileiros. Significa que uma vez que algo está feito, não adianta chorar sobre os resultados negativos. Todavia, nesta obra de Chico Buarque assume outra conotação, pois a essa concepção popular somam-se elementos peculiares da história do protagonista. Há um deslocamento, uma sobreposição de sentido, provocada pelo contexto. O narrador não chora sobre o leite derramado, mas tenta, em vão, reconstruir a sua história e localizar nos aposentos de sua memória o momento em que desatento, deixou o leite transbordar. Também, o leite derramado é uma referência a um incidente no qual se lembra de ter surpreendido Matilde debruçada por sobre a

pia do banheiro, com leite derramando, e chorando. Sua esposa parecia ter se arrependido de ter casado aos 17 anos. Chorava sobre o leite que derramava, sobre o tempo que se esvaia.

O protagonista de *Leite Derramado* toma a palavra e tenta costurar sua história. As queixas repetem-se e, através da repetição, e da diferença presente na repetição, a história ganha, ou parece, ganhar sentido, como nas repetições propositais neste texto. O narrador, como cada sujeito, vive em um tempo e espaço próprios, da senilidade, doença, memórias. Ao falar da sua juventude, afirma que “naquele tempo a gente era veloz e o tempo se arrastava” (2009, p. 19). O tempo derramado. Lembra-se para poder esquecer, pois senão “É o passado que nunca volta e nunca vai embora”. (BRISOLARA, 2003, p. 219) A psicanálise ancora-se sobre a crença de que falar pode mudar o sujeito, de que a fala, tem efeitos sobre os nós subjetivos e sobre o corpo do sujeito, que afinal, é marcado pela linguagem. Nas palavras de Lacan, a experiência analítica “implica sempre, no seio dela mesma, a emergência de uma verdade que não pode ser dita, pois o que a constitui é a palavra, e que seria preciso de qualquer forma dizer a palavra ela mesma, o que é, falando-se propriamente, o que não pode ser dito enquanto palavra”. (LACAN, 1979, p. 12)

O que fazer com o que sobra, com o que derrama, com o que não cabe, não se encaixa na nossa história? Com os traços que surgem em nossa pele e com os vestígios do passado em nossa vida? Essas marcas nos levam a um lugar, à memória como uma topografia, um conjunto de acidentes mais do que geográficos, ou seja, à associação livre. Elas nos levam à necessidade de estabelecer uma cartografia da nossa memória enquanto topografia, com as coordenadas que se interligam e fazem com que encontremos nosso caminho. Como o narrador percebe, a memória é um lugar: “São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora”. (BUARQUE, 2009, p. 139) Contar é tentar organizar o trauma, transformar em linguagem o que parece que não pode ser dito. Não contar, não falar, de certa forma, perpetua os derramamentos do trauma e da memória, e seus efeitos, sobre o sujeito. As narrativas surgem, pois, da ausência do passado e da sua impossibilidade de recuperação. O que resta é a memória. Pura narrativa, elaboração do sujeito. E a memória é um lugar em que o tempo se derrama. E o tempo é uma distância entre lugares.

REFERÊNCIAS

BRISOLARA, Valéria. Uma Viagem por *Ibiamoré, o trem fantasma*. *Organon*, Volume 17, Número 34, Porto Alegre, 2003. p. 209-225.

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1992.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Memórias da Imigração. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Palavra e imagem, memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006. p. 303-326.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1973.

FERNANDES, Heloísa. Temporalidade e subjetividade. In: FERNANDES, Heloisa (org.). *Tempo do desejo: Sociologia e Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

FREUD, Sigmund. *The Psychopathology of everyday life*. New York: Norton, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

LACAN, Jacques. O mito individual do neurótico. *Cadernos Freudianos Lacanianos 2*. Escola Freudiana de São Paulo. São Paulo: Cortez Editores, 1979. p. 11-26. Tradução de Élide Valarini e Ruy Fernando Barbosa.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et.al. Campinas: Unicamp, 2007.

SCHNEIDER, Michael. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKY, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73- 98.

SOUZA, Edson Luiz André de. Tempo e Repetição: intersecções entre a poesia e a psicanálise. In: SLAVUTZKY, Abrão. BRITO; Cesar Luiz de Souza. *História Clínica e Perspectiva nos Cem Anos da Psicanálise*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996. p. 279-290.

STUBE, Ângela Derlise. Imigração e Identidade: incidências na formação de professores. In: CAVALLARI, Juliana Santos; UYENO, Elzira Yoko. *Bilinguismos: Subjetivação e Identificações nas/pelas Línguas Maternas e Estrangeiras*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 33-53.

TIBURI, Márcia. Filosofia Cinza. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Palavra e imagem, memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006. p. 257-287.